

VISÃO DO CORREIO

A lição desperdiçada na crise em Ormuz

Na história das civilizações, quando um sistema entra em colapso, a dor imediata frequentemente atua como o mais poderoso catalisador para a inovação. É exatamente sob essa lente histórica que o atual estrangulamento do Estreito de Ormuz, causado ora pelo Irã, ora pelos EUA, deve ser interpretado. A situação é a prova incontestável da dependência da humanidade em petróleo e escancara a urgência da transição energética.

A asfixia imediata da economia global, causada pelo bloqueio militar da rota por onde passa um quarto do óleo consumido no planeta, deveria servir como o ultimato perfeito para forçar a transição definitiva rumo às matrizes limpas. Em vez de tratar o caos no Golfo Pérsico apenas como uma emergência bélica a ser contornada, a humanidade tem diante de si a oportunidade histórica para decretar, de uma vez por todas, o fim da era dos combustíveis fósseis.

O fato de que a estabilidade econômica global pode ser asfixiada, em questão de dias, por ditadores, aiato-lás e chefes de Estado belicosos expõe a fragilidade patológica da nossa matriz energética. Em um mundo governado pela racionalidade e pelo instinto de sobrevivência, o bloqueio de Ormuz soaria como o alarme definitivo. Seria o momento em que governos e mercados decidiriam direcionar a fortuna gasta para proteger e subsidiar rotas petrolíferas rumo à transição energética sustentável e definitiva.

Ocorre que a governança global tem se mostrado míope para os perigos da crise climática e apegada a soluções de curto prazo. Longe de enxergar o

gargalo no Golfo Pérsico como um ultimato para a descarbonização, a reação instintiva das superpotências ilustra o tamanho do problema.

A prioridade absoluta nos países ocidentais e nas suas periferias — incluindo o Brasil — não é libertar a economia da dependência do petróleo, mas garantir que as bombas de combustível continuem cheias a qualquer custo. Em vez de injetar capital massivo na infraestrutura de matrizes limpas com senso de urgência, a energia política do mundo se esvai em manobras navais e manobras artificiais para conter a fúria inflacionária do eleitorado.

O fechamento de Ormuz funciona hoje como um rascunho sombrio do futuro. A escassez de energia fóssil que a guerra impõe agora pela força bélica será provocada, logo mais, pelo próprio esgotamento climático e ambiental do planeta. A crise que virá pela escassez do petróleo deveria ser o empurrão que nos faltava para pular do barco antes que ele afunde por completo.

Contudo, tudo indica que a humanidade deixará mais essa janela histórica se fechar. Quando a tensão militar eventualmente ceder, os acordos provisórios forem assinados e os superpetroleiros voltarem a cruzar o estreito, as bolsas de valores e as lideranças globais celebrarão com alívio o fim da crise. Mas, na prática, estaremos apenas comemorando o direito de voltar à exata mesma armadilha fóssil da qual, por um breve e doloroso momento, a humanidade teve a chance de escapar para criar um futuro mais sustentável e limpo — e que parece cada vez mais distante e impossível, para a tragédia das futuras gerações.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Guerra 1

Em plenas negociações de paz, os Estados Unidos e Israel atacaram o Irã furtiva e traiçoeiramente, sob o pretexto de “ação preventiva”. Ou seja: eu ataco primeiro meu inimigo, antes que ele me ataque. Bela retórica. Resultou em guerra violenta, afetando o mundo inteiro. Depois de milhares de mortos e feridos, a um custo material fabuloso e a um custo ambiental inestimável, eis que agora vão tentar chegar a um difícil acordo de paz. Nenhum objetivo declarado para o início da guerra foi atingido. Conflito inútil, só para satisfazer o ego de governantes tresloucados. E sob a constante ameaça do emprego de armas atômicas. Nisso, as nações se armam cada vez mais.

» **Humberto Pellizzaro**

Asa Norte

Guerra 2

Há limites que não deveriam ser ultrapassados, nem pela política, nem pela religião. A polêmica em torno da imagem que comparava Trump a Jesus não é apenas um exagero estético: é um sintoma perigoso de como o poder tenta se vestir de santidade para justificar discursos cada vez mais agressivos. Misturar devoção com ambição só alimenta conflitos que já custam vidas demais. Não duvido que já estamos testemunhando a presença do anticristo!

» **Pacelli M. Zahler**

Sudoeste

Guerra 3

É preocupante ver fiéis sendo arrastados por discursos de ódio que distorcem a essência do cristianismo, baseada no amor, na justiça e na paz, não na idolatria política. As declarações de Donald Trump contra o papa Leão XIV refletem essa distorção. Ao criticá-lo por defender a paz, tenta submeter a fé a interesses políticos. O papa, ao contrário, segue o Evangelho: condena a guerra, pede cessar-fogo e defende a dignidade humana. Não há evidência de apoio à violência, suas posições vão justamente na direção oposta. Atacar quem promove a paz é uma inversão de valores. A Igreja não deve se calar diante de injustiças, mas ser uma voz moral. Quando a fé vira instrumento de agressividade ou culto político, deixa de ser fé e vira ideologia, um sinal preocupante. A postura firme e serena do papa mostra exatamente o que se espera de um verdadeiro líder espiritual.

» **Gilberto Pereira Tiriba**

Embaré (SP)

Segurança

Os casos envolvendo pessoas em situação de rua estão ficando cada vez mais graves. Na Asa Norte, eles apedrejam carros para roubar objetos. Isso já virou rotina. Recentemente, um policial da reserva matou uma pessoa nessa situação e disse que foi para se defender de um ataque. O número de pessoas em situação de rua aumentou assustadoramente na cidade. A Política Militar não pode nem abordar se houver uma suspeita fundamentada. Ou seja, só pode ficar olhando. E as autoridades se fazem de cegas. Não tomam nenhuma providência.

» **William Machado**

Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A pergunta de ouro: a quem interessa a desmoralização do STF?

Cláudia Serra — São Luís (MA)

Os brasileiros não suportam mais pagar salários acima do teto constitucional aos membros do Judiciário e do Ministério Público, que legislam em causa própria. Isso é um acinte contra a população.

Itiro lida — Asa Norte

Se até o Agnelo e o Arruda estão falando mal de Brasília, a situação é preocupante.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Cheguei a Brasília a 63 anos atrás para estudar na UnB. Me formei em 1969. Amo Brasília como se fosse minha terra natal!

Ronaldo Alves — Brasília

BRB vai fechar agências e fazer cortes para reduzir despesas. E os funcionários? Vão pagar pelo erro alheio?

Márcia Rodrigues — Brasília

As opiniões do papa sobre os acontecimentos internacionais têm sido muito positivas. Errada está a gestão histórica e barulhenta americana.

Marcos G. Figueira — Sudoeste

Dívida pública

Em 2025, o Brasil gasta cinco vezes mais com juros da dívida pública do que com investimentos em infraestrutura e políticas estruturantes, mostra o Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc). Esse é o verdadeiro escárnio que destrói este país por dentro. Dizer que o atual governo é mais ou menos responsável por isso beira o analfabetismo. Isso é histórico! O Brasil precisa se revoltar contra esse roubo, que, de fato, permite que achemos que imposto é roubo, quando roubo mesmo é o lucro dos muito ricos! É o bolsa-banqueiro que consome o orçamento público e sustenta gente que nunca quis trabalhar e nunca quis o Bolsa Família!

» **Daniel Rocha**

Piauí



RODRIGO CRAVEIRO

rodrigo.craveiro@gmail.com

O infinito em nós

Costumávamos apreciar o céu estrelado na fazenda dos meus avós. A estrada salpicada de estrelas, rio leitoso que se perdia na imensidão do infinito, até onde a vista alcançava. Eu me lembro de como ficávamos embevecidos com o surgir da Lua no horizonte, especialmente quando cheia. Parecia que queria dar um abraço e agasalhar a Terra com seu véu de luz. Meus avós partiram para as estrelas, mas o mesmo fascínio encontra meus olhos, sempre que os direciono para cima, a admirar o céu noturno na Chapada dos Veadeiros, cujo misticismo e cujas histórias de discos voadores tornam tudo ainda mais mágico.

Se você, leitor, ainda não teve a oportunidade de contemplar a imensidão sobre nossas cabeças, a partir de locais mais afastados de grandes centros urbanos, então, sugiro que o faça. Para quem acredita, há até mesmo um quê de espiritual ou de metafísico nessa experiência.

Foi com aquele mesmo olhar que, com o celular em mãos, caminhando ao retornar para casa, na noite de sexta-feira, acompanhei o pouso da missão Artemis II e perscrutei o céu com aquele mesmo olhar de criança.

Depois de 54 anos, o homem retornou à Lua. Nessas cinco décadas, enviamos robôs para Marte, tiramos fotos com altíssima resolução do Planeta Vermelho, colocamos uma sonda na órbita de Saturno, deslocamos o nosso olhar mais minucioso até os confins do Universo — os supertelescópios espaciais Hubble e James Webb. Cada imagem que chegava do Cosmos era como se víssemos supernovas

e conglomerados estelares e voltássemos o olhar para milhões de anos atrás. Muitas das estrelas que enxergamos no céu morreram — apenas a luz chega até nós. Artemis II abriu caminho para uma nova missão tripulada na Lua. Como me disse o ex-astronauta Clayton C. Anderson, a missão histórica da Nasa servirá de trampolim para colocarmos astronautas em Marte.

Com o avanço científico estupendo, talvez estejamos próximos de detectar vida — ainda que microscópica — lá fora. Acredito que algumas civilizações alienígenas avançadas habitem a vastidão do Universo, em locais até então inalcançáveis para o homem. Não seria arrogância e prepotência extremas acreditar que o dom da vida somente foi concedido ao planeta Terra? Imagina o nosso globo como se fosse uma pequena cidade e, ao seu redor, um deserto completamente inóspito? Faz sentido para você? O que nos torna predestinados em meio à vastidão do desconhecido? Talvez leve séculos ou mesmo milênios para descobriremos que não estamos sozinhos. Aliás, imagino essa como a grande manchete dos jornais e sites de notícias, ao lado das curas de graves doenças, como a Aids, o câncer, a esclerose múltipla e a esclerose lateral amiotrófica.

Até que esse dia chegue, fico com as memórias das noites estreladas e das conversas sobre astronomia com o meu avô. Também com a admiração pelo avanço da ciência e da tecnologia. Somos os navegadores dos séculos 15 e 16. Nosso mar é o infinito acima de nossas cabeças. E suas possibilidades.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em dinheiro terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 1.187,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento personalizado para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.uudapress.com.br